

SIMPÓS

SUL

II Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: 200 ANOS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL

O APRENDER A APRENDER: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.

Fabiana Cristina Cigognini

*Universidade Federal da Fronteira Sul
fabicigo@hotmail.com*

Lidiane Limana Puiatti Pagliarin

*Universidade Federal da Fronteira Sul
lidiane.puiati@uffrs.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

Resumo: Este estudo visa refletir sobre o processo de aprender a aprender do professor através de suas práticas pedagógicas ao longo dos anos. Com base em Saviani (2019), abordamos a transição das teorias tradicionais para as teorias renovadoras e como proposta para essa progressão, a formação continuada de professores (Nóvoa, 1997) alicerçada na reflexão das práticas pedagógicas. O aprender a aprender é parte estruturante da vida profissional do professor e este precisa ser pensado e repensando constantemente.

Palavras-chave: Aprender. Prática Pedagógica. Formação Continuada.

Introdução

O papel que o professor exerce na sociedade atual está alicerçado a uma constante busca por conhecimento e qualificação profissional. Nesse sentido, o objetivo principal dessa busca por conhecimento é a reflexão sobre os processos de aprendizagem dos alunos. Com todas as mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, as metodologias de ensino também precisam se adequar a essas mudanças, sendo que quando a sociedade muda, os sujeitos pertencentes a ela também passam por esse processo. Sendo assim, os professores precisam estar em um trilhar permanente em busca de melhores estratégias que torne o processo de aprender muito mais significativo. Diante disso, com base em Saviani (2019) fazemos uma

retomada histórica sobre as pedagogias hegemônicas que marcaram os anos de 1970 até os dias atuais a fim de compreendermos como se deu o processo de aprender a aprender dos professores ao longo dos anos. Através de uma pesquisa bibliográfica, objetivamos dialogar sobre a transição das teorias tradicionais para as renovadoras baseada na formação continuada de professores.

A prática dos professores ao longo dos anos 1970 aos dias atuais

Nos anos de 1970 para os anos de 1980 a prática do professor, segundo Saviani (2019) estava centrada em ideias escolanovistas, sendo que os cursos voltados à educação sofriam forte influência progressista naquela época. Para o professor, o aluno era o centro do processo educativo, o qual se daria em torno das relações estabelecidas entre professor e aluno, mas também esperava contar com assessoramento de especialistas das ciências humanas ligadas a educação, biblioteca de classe, laboratórios e materiais didáticos variados. Seu ideal era que sua sala tivesse poucos alunos para que a relação com eles fosse mais próxima. Vivia em uma utopia, pois ao chegar na escola encontrou algo muito diferente, “descobriu que isso tudo não passava de luxo reservado a raríssimas escolas” (SAVIANI, 2019, p. 115).

A atividade docente exigia do professor que ele tivesse práticas tradicionais, voltadas à transmissão de conteúdo. No entanto, a sua formação versava por práticas totalmente opostas, práticas que consistiam em trazer em cena o conhecimento do aluno e a relação com práticas sociais. “Não compreendia bem o que se passava, então ele se revoltava, se desanimava. Havia, porém, um calendário a ser cumprido, era preciso dar as aulas, desincumbir-se de algum modo da tarefa que lhe fora atribuída” (SAVIANI, 2019, p. 115).

Com a aprovação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, o pensamento pedagógico tecnicista passou a orientar a política educacional do Estado. No que tange o papel do professor, ele deveria ser eficaz e produtivo, visando alcançar o máximo de resultados que conseguisse tendo o mínimo de gastos. Já na segunda metade da década de 1970, uma nova tendência ganhou espaço: a “crítico-reprodutivista”. Desse modo, a educação passaria a ter forte relação com a sociedade, de modo a reproduzir as relações sociais existentes, e o professor era o agente propulsor desta reprodução.

Já que a escola reproduzia as relações sociais vigentes por meio da formação da força de trabalho e da inculcação da ideologia dominante, sua função era garantir a exploração dos trabalhadores e reforçar e perpetuar a dominação capitalista. O

professor não era, pois, outra coisa senão um agente da exploração, porta-voz dos interesses dominantes, laçao da burguesia (SAVIANI, 2019, p. 117).

O professor não tinha como rebater a essas críticas, mesmo não aceitando-as. A grande questão era: como ele, professor, se sentindo uma vítima da exploração ser o próprio agente que reproduz a exploração? Sendo assim, um forte desgosto pairou sobre seus pensamentos, cogitando a ideia de largar a profissão.

A chama do professor passou a ser reacendida ao longo da década de 1980, pois se percebia um caminho que apontava para uma educação crítica e transformadora. Essa educação se configurava nos ideais de Paulo Freire, na chamada “pedagogia libertadora”. Como esses ideais vinham na contramão da estrutura dominante da sociedade daquela época, esse movimento não teve força suficiente para se impor.

Já em meados de 1990, as práticas pedagógicas ainda precisam ser eficientes e produtivas, no entanto, o professor não necessita mais seguir um planejamento engessado. Um marco relevante nesse período é o incentivo ao aperfeiçoamento profissional dos professores, ou seja, um “eterno processo de aprender a aprender” (SAVIANI, 2019, p. 118). A partir daí passaram a surgir cursos de atualização ou reciclagem, que visavam aspectos singulares e segmentados da prática docente. Esses cursos rápidos, sanavam a demanda do professor para dar prosseguimento em sua qualificação para o exercício docente. Como produto disso, há a “descrença no saber científico e a procura por ‘soluções mágicas’” (SAVIANI, 2019, p. 119). Essa utopia em torno de soluções prontas para problemas cotidianos, que são advindos de cursos aligeirados de capacitação profissionais, cria na escola uma “cultura escolar” que por fim acarreta num desprestígio profissional e na desvalorização da cultura já constituída.

Desde 1990 até os dias atuais percebe-se que essa “cultura escolar” citada por Saviani (2019) vem a cada dia crescendo mais. É um estigma que se perpetua ano após ano, a cultura da desmotivação e da “vala comum”, onde o professor que está motivado a possibilitar aos alunos formas mais significativas de aprendizagem acaba por se contaminar por essa cultura impregnada na escola. Percebe-se que a profissão de professor, ao longo da história, foi marcada por um dualismo de concepções, em razão disso: uma sociedade que presa por uma elite dominante e deposita na educação e no professor a função de reproduzir um sistema de classes desiguais.

Sendo assim, Saviani (2019) destaca que nos dias atuais as correntes pedagógicas que mais estão sendo utilizadas podem ser separadas em duas tendências: as tradicionais e as renovadoras. O quadro a seguir sintetiza os dois grupos e sua principal característica.

TENDÊNCIA	TEORIAS	OBJETIVO
Teoria <i>sobre</i> a prática	Tradicionais	Ensino
Teoria <i>à</i> prática	Renovadoras	Aprendizagem

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Saviani (2019).

As duas teorias citadas no quadro acima nos fazem refletir sobre uma possível afirmação: arriscamo-nos a dizer que podemos estar em uma transição entre o modelo tradicional de ensino para um modelo renovador, que descentra o conhecimento do professor, traz a figura do aluno como sujeito do seu processo de aprendizagem e busca o desenvolvimento integral do mesmo.

Exemplificando a afirmação anterior, Arroyo (2000, p. 68) ao se referir ao artigo 2º da LDB onde diz que: “a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do educando”, faz uma relação sobre como os professores poderão desenvolver seu aluno plenamente e destaca algumas reações dos professores, tais como “*Nunca estudei desenvolvimento humano*”, “*Mal dou conta do meu desenvolvimento, como posso dar conta dos outros?*” e “*E os conteúdos onde ficam?*”. O autor traz um exemplo de como os professores ainda estão enraizados em ideias tradicionais de ensino.

Nesse mesmo sentido, Arroyo (2000, p. 77) faz uma retomada sobre a organização dos saberes na escola. Nas palavras do autor,

Essa tradição foi legitimando como conteúdos centrais e quase que únicos da docência os saberes e competências fechados. As competências abertas ficaram por conta das famílias, das igrejas, dos meios de comunicação, por conta dos processos difusores de socialização.

A visão impregnada da escola como preparação para o mercado de trabalho, segundo o autor, é originária de políticas e organizações sociais desde a constituição da instituição pública de ensino. Entendia-se que na escola os alunos deveriam aprender os conteúdos que fazem parte da construção de aspectos cognitivos do seu desenvolvimento, e ficaria para outras instituições sociais o desenvolvimento de outros aspectos constituintes do nosso ser.

De acordo com Libâneo (1992) no ensino tradicional a autoridade do professor é a única que prevalece, impedindo qualquer forma de comunicação entre professor e aluno durante a aula. Desta maneira, o professor é aquele que transmite o conteúdo e o aluno absorve, transformando-se em uma aula onde a disciplina é uma imposição para assegurar a atenção e o silêncio. Constituindo-se como um dos maiores educadores brasileiro, Paulo Freire (1980, p. 79) nos remete ao ensino tradicional como uma educação “bancária”, sendo

que é tarefa do professor “encher” os alunos do conteúdo da narração, conteúdo alheio à realidade, separado da totalidade que a gerou e poderia dar-lhe sentido”.

Neste sentido, Freire (1980, p. 80) destaca que o que é ensinado aos alunos contém contradições com o que é vivenciado na realidade, e que estas mesmas contradições podem fazer com que os alunos se posicionem contra a sua “domesticação”, comprometendo-se com a luta pela sua libertação. Sendo assim, o mesmo autor destaca que o professor não pode esperar até que isso aconteça, mas precisa estar comprometido desde o início com o pensamento crítico e pela procura de humanização. Para que isso seja possível, o professor deve colocar-se ao nível dos alunos e ser partícipe de suas relações.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras (FREIRE, 1980, p. 81).

Alguns questionamentos podem ser feitos com o exposto até aqui: Como fazer com que a escola cumpra a função de desenvolver plenamente o seu aluno? Como acontecerá a transição entre uma prática tradicional de ensino para uma prática renovadora? Como se dará esse processo para o professor e para o aluno? Perguntas que servem de artimanha para interessantes reflexões.

Considerações Finais

Com base em alguns autores (NÓVOA, GARCIA, FÁVERO, BENINCÁ, SCHÖN) esse processo de transição de ideais tradicionais de educação para ideais renovadores (SAVIANI, 2019) pode ser realizado através de um processo chamado de *reflexão*. “O objetivo primordial da reflexão no ambiente escolar é, acima de tudo, formar cidadãos autônomos, rompendo com os modelos tradicionais de educação” (FONTANA; FÁVERO, 2013, p. 13).

Para isso, a aposta é a formação continuada de professores baseada na reflexão da prática pedagógica através da análise do cotidiano escolar. A formação continuada quando considera os saberes e ações advindos com a prática do professor na escola, traz momentos de potentes reflexões. Sob esse foco, Nóvoa (1997) aborda que os processos de reflexão têm de assumir papel importante na formação do professor, consolidando um terreno profissional de autoformação participada. Desse modo salienta que não é a acumulação de cursos, conhecimentos ou técnicas que fazem com que a formação continuada seja significativa ao

professor, mas sim, de uma reflexão sobre as práticas e de uma (re)construção de uma identidade pessoal que os professores poderão construir conhecimento e transformá-lo em práticas pedagógicas.

O constante aprender a aprender é parte estruturante da vida profissional do professor. Como estamos em uma sociedade em permanente mudança, a educação não pode parar no tempo, e o professor precisa estar ciente dessas mudanças que acontecem no campo educacional para conseguir alicerçá-las a sua prática cotidiana dentro das escolas. A formação continuada que vincula a teoria com a prática tem grandes contribuições para que o professor reflita sobre suas práticas e perceba o ensino como significativo para o aluno, de modo a desenvolver sua visão de mundo e sua criticidade.

Referências

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FÁVERO, Altair Alberto; FONTANA, Maire Josiane. **Professor Reflexivo: uma integração entre teoria e prática**. REI - Revista de Educação do IDEAU. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai. v. 8, n.º 17, jan./jun. 2013.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

LIBÂNEO, J. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1992.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Dom Quixote: Lisboa, Portugal, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: quadragésimo ano - novas aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2019.